



Carmem Negreiros

Fátima Oliveira

Rosa Gens

organização

# *Belle Époque*

crítica, arte  
e cultura

### **Apresentação**

Tempos de *Belle Époque*  
Carmem Negreiros  
Fátima Oliveira  
Rosa Gens

### **Aproximações**

Memória e esquecimento no final do século XIX: Bergson e Nietzsche  
Maria Cristina Franco Ferraz

Sensibilidades finisseculares: intelectuais e cultura boêmia

Monica Pimenta Velloso

A memória de Ruskin no texto de Proust: pátina e enclave  
Luciana Persice Nogueira

*Da fièvre ornamentale* ao estilo floreal: a estética *art nouveau* no grafismo e na literatura pré-modernistas brasileiros  
Maurício Silva

Oliveira Lima entre a história e a literatura  
Ricardo Souza de Carvalho

### **Dossiê João do Rio**

Positivar a decadência - João do Rio e a *Belle Époque* transtornada  
André Luiz Barros da Silva

João do Rio e a nova esfera da crônica no século XX  
Marcus Vinicius Nogueira Soares

“Se não fosse eu, o sr. não escrevia tanto”: territórios e vozes marginais na crônica de João do Rio  
Giovanna Dealtry

### **Dossiê Lima Barreto**

A necessidade de criar(-se): os primeiros esboços de ficção de Lima Barreto  
Irenísia Torres de Oliveira

Apresentação da *Revista Floreal* e *Os samoiedas*: anotações  
Maria Salete Magnoni

Alienação e memória em Lima Barreto  
Jean Pierre Chauvin

# *Belle Époque*

crítica, arte e cultura

CARMEM NEGREIROS

FÁTIMA OLIVEIRA

ROSA GENS

| ORGANIZAÇÃO |

*Belle Époque*  
crítica, arte e cultura



intermeios  
CASA DE ARTES E LIVROS

**Editora Intermeios**  
Rua Cunha Gago, 420 / casa 1 – Pinheiros  
CEP 05421-001 – São Paulo – SP – Brasil  
Fones: [11] 2365-0744 – 94898-0000 (Tim) – 99337-6186 (Claro)  
www.intermeioscultural.com.br

•  
**BELLE ÉPOQUE: CRÍTICA, ARTE E CULTURA**

© Carmem Negreiros | Fátima Oliveira | Rosa Gens

1ª edição: dezembro de 2016

•  
*Editoração eletrônica, produção* Intermeios – Casa de Artes e Livros  
*Revisão* Jacob Lebensztayn  
*Capa* Livia Consentino Lopes Pereira

•  
**CONSELHO EDITORIAL**

Vincent M. Colapietro (Penn State University)  
Daniel Ferrer (ITEM/CNRS)  
Lucrécia D'Alessio Ferrara (PUCSP)  
Jerusa Pires Ferreira (PUCSP)  
Amálio Pinheiro (PUCSP)  
Josette Monzani (UFSCar)  
Rosemeire Aparecida Scopinho (UFSCar)  
Ilana Wainer (USP)  
Walter Fagundes Morales (UESC/NEPAB)  
Izabel Ramos de Abreu Kisil  
Jacqueline Ramos (UFS)  
Celso Cruz (UFS) – *in memoriam*  
Alessandra Paola Caramori (UFBA)  
Claudia Dornbusch (USP)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP**

---

N385 Negreiros, Carmem, Org.; Oliveira, Fátima, Org.; Gens, Rosa, Org.  
*Belle Époque*: crítica, arte e cultura / Organização de Carmem Negreiros,  
Fátima Oliveira e Rosa Gens – Rio de Janeiro: LABELLE; São Paulo:  
Intermeios, Faperj, 2016.

382 p. ; 16 x 23 cm.

ISBN 978-85-8499-073-3

1. História. 2. História do Brasil. 3. História Social. 4. Crítica Social.  
5. Literatura. 6. Arte. 7. Cultura. 8. Cidade do Rio de Janeiro. 9. João do  
Rio (1881-1921). 10. Lima Barreto (1881-1922). I. Título. II. Crítica, arte e  
cultura. III. Tempos de Belle Époque. IV. Aproximações. V. Dossiê João do  
Rio. VI. Dossiê Lima Barreto. VII. O moderno e a cidade. VIII. Negreiros,  
Carmem, Organizadora. IX. Oliveira, Fátima, Organizadora. X. Gens, Rosa,  
Organizadora. XI. LABELLE – Laboratório de Estudos de Literatura e Cultura  
da *Belle Époque*. XII. Intermeios – Casa de Artes e Livros.

CDU 93(81)  
CDD 981

---

Catalogação elaborada por Ruth Simão Paulino

## Sumário

- 9 **Apresentação**  
*Tempos de Belle Époque*
- Aproximações**
- 17 Memória e esquecimento no final do século XIX: Bergson e Nietzsche  
*Maria Cristina Franco Ferraz*
- 35 Sensibilidades finisseculares: intelectuais e cultura boêmia  
*Monica Pimenta Velloso*
- 53 A memória de Ruskin no texto de Proust: pátina e enclave  
*Luciana Persice Nogueira*
- 69 Da *fièvre ornamentale* ao *estilo floreal*: a estética *art nouveau* no  
grafismo e na literatura pré-modernistas brasileiros  
*Maurício Silva*
- 85 Oliveira Lima entre a história e a literatura  
*Ricardo Souza de Carvalho*
- Dossiê João do Rio**
- 105 Positivar a decadência – João do Rio e a *Belle Époque* transtornada  
*André Luiz Barros da Silva*

- 119 João do Rio e a nova esfera da crônica no século XX  
*Marcus Vinicius Nogueira Soares*
- 137 “Se não fosse eu, o sr. não escrevia tanto”: territórios e vozes marginais na crônica de João do Rio  
*Giovanna Dealtry*
- Dossiê Lima Barreto**
- 157 A necessidade de criar(-se): os primeiros esboços de ficção de Lima Barreto  
*Irenísia Torres de Oliveira*
- 169 Apresentação da *Revista Floreal* e *Os samoiedas*: anotações  
*Maria Salete Magnoni*
- 179 Alienação e memória em Lima Barreto  
*Jean Pierre Chauvin*
- 197 A questão literária em *Recordações do escrivão Isaiás Caminha*, de Lima Barreto  
*José Osmar de Melo*
- 215 À margem da *Belle Époque*: o escritor Lima Barreto sob envelopes  
*Fátima Maria de Oliveira*
- 229 O poço adverbial do poder: a arte de “Sua Excelência”, de Lima Barreto, e de *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos  
*Ieda Lebensztayn*
- 247 Sentido literário e função social do Realismo em dois romances latino-americanos da década de 1910: *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, e *En este país...!*, de Urbaneja Achelpohl  
*Dionisio Márquez Arreaza*
- O moderno e a cidade**
- 267 Vivência urbana e experiência estética em narrativas da *Belle Époque*  
*Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo*

- 293 A Grande Reforma Urbana do Rio de Janeiro: a modernização da cidade como forma de sedução estética a serviço de um horizonte de integração conservadora sob a égide da civilização  
*André Nunes de Azevedo*
- 305 O livro pornográfico na *Belle Époque*: a década de 1890 e a invenção da “leitura alegre”  
*Leonardo Mendes*
- 323 Palavras de mulher na *Belle Époque* brasileira: Carmem Dolores e Júlia Lopes de Almeida  
*Rosa Gens*
- 339 Théo-Filho: 365 dias de cosmopolitismo  
*Marcos Vinicius Scheffel*
- 355 Atavismo negro e figurino europeu: a representação do caráter híbrido da sociedade baiana em *O feiticeiro* (1922) de Xavier Marques  
*Thiago Mio Salla*
- 377 **Sobre os autores**

# Apresentação

## Tempos de *Belle Époque*

CARMEM NEGREIROS

FÁTIMA OLIVEIRA

ROSA GENS

Este livro resulta da criação do Laboratório de Estudos de Literatura e Cultura da *Belle Époque* – LABELLE –, cujas atividades tiveram início em maio de 2015, com palestras de especialistas em cultura, história, filosofia e literatura nas primeiras décadas do século XX. O foco de pesquisa do LABELLE é o período que ficou conhecido nos estudos históricos e culturais como *Belle Époque*, concentrando-se no final do século XIX e nas décadas iniciais do século XX, no Brasil, e em especial, na produção artística da cidade do Rio de Janeiro, onde, segundo o escritor Aluísio Azevedo, se vivia uma conjuntura em que a elite letrada se mostrava arrebatada pela “corrente elétrica de ideias que jorra na França” (Aluísio Azevedo apud Sevcenko, 2003, p. 98).

Os pesquisadores do LABELLE têm seus interesses concentrados em temas como experiência urbana; modernização da percepção em função de artefatos técnicos, transformações nas formas e representações literárias como resultado do estreitamento de contatos entre literatura, escrita jornalística e imagens (fotografia e cinema); profissionalização do escritor e sua relação com o mercado; diálogo de intelectuais e escritores com a tradição literária e cultural; investigação de fontes arquivísticas. Em agosto de 2015, foi realizado um *workshop* reunindo pesquisadores do Laboratório, em que os pontos de reflexão referentes ao período foram debatidos.

Esta reunião de artigos apresenta, portanto, uma diversidade de enfoques com variadas estratégias críticas. A pluralidade de abordagens reflete a complexidade da época, cuja tônica era a velocidade e a supremacia da técnica. O epicentro de tantas novidades será o Rio de Janeiro: “a urbe onde se encenava o espetáculo de imagens cosmopolitas e manifestava sua vocação para a vanguarda em variados aspectos da vida social e política” (Santucci, 2015, p. 11).

## TEMPOS DE BELLE ÉPOQUE E A MODERNIDADE CARIOCA

Em discurso pronunciado no salão de honra do Hotel dos Estrangeiros, durante a homenagem que lhe foi prestada em 17 de dezembro de 1919 por autoridades políticas e culturais da cidade do Rio de Janeiro, o jornalista e escritor João do Rio assim definiu a conjuntura de época vivida pelo país no pós-guerra:

O tempo acelerou o ritmo da vida, tornando-a cada vez mais complexa. [Vemos] o rodopio em que se chocam heterogeneidades, em que impera em mil contradições o Paradoxo Rei de uma sociedade passando sem transição de aldeia comedida a sofreguidão dos automóveis (João do Rio apud Cappelli, 2015, p. 56).

A “aldeia comedida” é herança do passado colonial, do governo monárquico, da sociedade escravocrata, e representa o atraso; enquanto a “sofreguidão dos automóveis” é resultado da expansão da economia industrial, da aplicação das mais recentes descobertas científicas aos processos produtivos, capitaneados pela elite da burguesia republicana, cuja exigência de acertar os ponteiros brasileiros com o relógio global suscitou a hegemonia de discursos técnicos, dispostos a fazer valer a modernização a qualquer custo. Era como se “a instauração do novo regime implicasse pelo mesmo ato o cancelamento de toda a herança do passado histórico do país e pela mera reforma institucional ele tivesse fixado um nexos coextensivo com a cultura e a sociedade das potências industrializadas” (Sevcenko, 1998, p. 27).

A ilusão de que tudo se resolveria com a reforma institucional da Primeira República levou o novo regime a consolidar-se em uma atmosfera de euforia e ostentação, sustentada pelo clima geral de otimismo e confiança ilimitada da Europa e dos Estados Unidos no crescimento econômico:

De meados dos anos 1890 até a Grande Guerra, a orquestra econômica global tocou na clave maior da prosperidade... O enriquecimento baseado no crescimento explosivo dos negócios formou o pano de fundo do que se tornou conhecido como “os belos tempos” (*Belle Époque*) (Hobsbawm apud Sevcenko, 1998, p. 34).

Os chamados “belos tempos” têm em Paris a capital cultural do mundo, cujos símbolos máximos do progresso técnico-científico, entre outros, eram representados pela Torre Eiffel e pela invenção do cinema. A técnica

cinematográfica excitava a imaginação e as sensibilidades dos habitantes das principais capitais europeias e passava a ser vista como um espetáculo próprio das grandes cidades. Segundo o historiador da cultura James Donald:

A metrópole moderna e a instituição do cinema surgem praticamente no mesmo momento. Sua justaposição fornece várias chaves sobre a estética pragmática pela qual experimentamos a cidade não apenas como cultura visual, mas acima de tudo como um espaço psíquico (Donald apud Sevcenko, 2003, p. 522).

O cinema e a metrópole moderna despontam paralelamente, e a produção cinematográfica é “como um espelho para o entendimento do próprio ambiente urbano, pois a maioria das tramas focaliza grandes cidades e a forma como o cidadão se apropria de seu espaço” (Santucci, 2015, p. 30-31).

No Brasil, ainda não dispúnhamos de uma cidade em que fosse possível recriar esse ambiente europeu e dar vazão ao pleno anseio pela modernidade. Era necessário criar uma metrópole moderna onde os brasileiros dessem forma e experimentassem esse espaço psíquico até então desconhecido. Caberia ao Rio de Janeiro, sede do governo e maior porto do país, desempenhar esse papel de cidade-modelo europeia nos trópicos. A então capital da República torna-se para o país o centro irradiador das grandes transformações em marcha pelo mundo:

O Rio passa a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade como uma experiência existencial e íntima (Sevcenko, 2003, p. 522).

A gestão do presidente Rodrigues Alves (1902-1906) dá início a um vasto programa de reforma urbana e saneamento da capital cuja culminância ocorreria em 1920 com a demolição do Morro do Castelo, na gestão do prefeito Carlos Sampaio (1920-1922), para os preparativos da Exposição Internacional pelo Centenário da Independência que aconteceria em 1922. O engenheiro Francisco Pereira Passos foi nomeado prefeito, por Rodrigues Alves, para dar à capital um perfil moderno, modelado com base nas grandes capitais europeias e, em particular, no exemplo da cultuada Paris. Tem início o processo conhecido como Regeneração do Rio de Janeiro, cujo símbolo máximo ficou sendo a Avenida Central, inaugurada em 1905 e inspirada no planejamento dos bulevares parisienses. Era a nossa vitrine do progresso, a

qual nos garantia um lugar entre as nações civilizadas. A Avenida introduzia na capital a atmosfera cosmopolita pretendida pela nova burguesia republicana, e seu caráter suntuoso contrastava com a população pobre, segregada e dispersa pelas ribanceiras íngremes da cidade em barracos de lata ou madeira.

Em crônica satírica sobre a República da Bruzundanga, do ano de 1917, o escritor Lima Barreto cria um país imaginário e ficcional, que muito lembra o Brasil republicano, em que o Visconde de Pancome – caricatura do Barão do Rio Branco – convenceu o mandachuva local a modificar radicalmente o aspecto da capital e, com empréstimos obtidos no estrangeiro para a realização das obras, pôs as velhas casas de sua capital abaixo e “de uma hora para a outra, a antiga cidade desapareceu e outra surgiu como se fosse obtida por uma mutação de teatro. Havia mesmo na cousa muito de cenografia” (Barreto, 1961, p. 106).

Não só na ficção desse escritor carioca, como na de outros do período, a literatura revela contradições, dilemas, ambiguidades resultantes do meio urbano em processo de radical transformação. A cidade passa a ser apreendida como um texto, por seu caráter de construção simbólica, que suscita múltiplas e variadas leituras. Some-se a isso o fato de que o Rio de Janeiro concentrava o maior mercado de emprego para os homens de letras, e a vida literária passava a contar com o desenvolvimento do novo jornalismo, que se tornaria o fenômeno mais marcante da área da cultura:

Novas técnicas de impressão e edição permitem o barateamento extremo da imprensa. O acabamento mais apurado e o tratamento literário e simples da matéria tendem a tornar obrigatório o seu consumo cotidiano pelas camadas alfabetizadas da cidade. Esse “novo jornalismo”, de par com as revistas mundanas, intensamente ilustradas e que são o seu produto mais refinado, torna-se mesmo a coqueluche da nova burguesia urbana, significando o seu consumo, sob todas as formas, um sinal de bom-tom sob a atmosfera da Regeneração. Cria-se assim uma “opinião pública” urbana, sequiosa de juízo e da orientação dos homens de letras que preenchiam as redações (Sevecenko, 2003, p. 119).

O estilo de vida urbano exige dos homens de letras o exercício do papel de formadores de opinião pelo principal meio de comunicação da época: o jornal. A complexidade da vida urbana e a heterogeneidade de formas de ver o mundo dos vários grupos e classes sociais que habitavam a cidade e nela circulavam, os novos modos de sociabilidade, a publicidade, a moda encontram no jornal o espaço privilegiado de exposição de novas experiências e sensibilidades.

As inovações técnicas, entretanto, não são incorporadas de imediato. É em João do Rio que encontraremos a evolução da crônica jornalística para a cinematografia. Se antes o gênero cronístico era “reflexo e comentário”, passara a “desenho e caricatura” e ultimamente era “fotografia retocada mas com vida”, agora, diante da pressa de escritores e leitores e dos novos meios de difusão, torna-se “cinematográfica”, “um cinematógrafo de letras”. O deslumbramento diante das fitas cinematográficas levava o escritor a imaginar “uma literatura que operasse como os modernos aparelhos de produção e reprodução de imagens técnicas” (Süssekind, 1987, p. 47).

Os escritores-intelectuais não estavam alheios às mudanças operadas nas estruturas perceptivas do público diante do horizonte técnico em configuração na virada do século XIX e nos anos 10-20 do século XX, e cada um, a sua maneira, e com resultados estéticos variados, propunha e incorporava na escrita inovações que dialogavam com as novas técnicas e formas de percepção.

Os primeiros anos do século XX, portanto, aparecem aos nossos olhos envoltos em uma aura de mudança e transformação. Surgem como uma época movimentada culturalmente, em que salões, cabarés, confeitarias, cinemas, teatros e conferências cruzam-se como espaços possibilitadores de encontro e divulgação de arte, assim como a dinâmica social do período deixa expostos a vertigem e o cosmopolitismo. Afinal, as relações de produção capitalista alcançavam o país e mudavam o panorama urbano, construindo outros liames no imaginário de seus habitantes.

Hoje, quando no Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XXI, voltam a ocorrer profundas transformações no mapa urbano, no deslocamento de seus habitantes, a velocidade é medida em *bites* e *megabites*, somos bombardeados incessantemente por imagens e informações eletrônicas em nossas casas, na rua, no transporte público e particular e os espaços de diversão e lazer se multiplicam e adquirem feições tecnológicas, voltar o olhar para as contradições e impasses dos “belos tempos” das primeiras décadas do século XX faz-nos aptos a metabolizar e transmutar certas memórias do passado, em favor da valorização nietzschiana do presente. Os textos reunidos neste volume propõem diferentes leituras como possibilidades de captação do passado, de seu entendimento, para que se esclareça o presente. Trata-se, assim, de entender o moderno cerca de cem anos depois, em sua manifestação carioca, instaurada por uma dinâmica singular.

#### REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. *Os bruzundangas: sátira*. In: BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). *Obras de Lima Barreto*. São Paulo: Brasiliense, 1961, v. VII.



CAPPELLI, Vittorio. *A Belle Époque italiana no Rio de Janeiro: aspectos e histórias da emigração meridional na modernidade carioca*. Trad. Raphael Salomão Khéde et al. Niterói: UFF, 2015.

SANTUCCI, Jane. *Babélica urbe: o Rio nas crônicas dos anos 20*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2015.

SEVCENKO, Nicolau. "Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso". In: \_\_\_\_\_. *História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.



Carmem Negreiros

Fátima Oliveira

Rosa Gens

organização

# Belle Époque

crítica, arte  
e cultura

 **FAPERJ**  
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo  
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

intermeios

## A coletânea de ensaios *Belle Époque: crítica, arte e cultura*

traz à cena a atmosfera artística, literária e jornalística das primeiras décadas do século XX, em que salões, cabarés, confeitarias, cinemas, teatros e conferências cruzam-se como espaços de encontros e divulgação de arte. O Rio de Janeiro de então, referência cultural do país, passava por intensas transformações urbanas sob o domínio da técnica e da velocidade, proporcionando a seus habitantes novas e inusitadas experiências sensoriais. Hoje, quando no Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XXI, voltam a ocorrer profundas e vertiginosas transformações no mapa urbano e a tecnologia faz parte da vida dos cidadãos, voltar o olhar para as contradições e impasses dos “belos tempos” faz-nos aptos a metabolizar e transmutar certas memórias do passado, em favor da valorização nietzschiana do presente. Trata-se, assim, de entender o moderno cerca de cem anos depois, em sua manifestação carioca, instaurada por uma dinâmica singular.



ISBN 978-85-8499-073-3

